

MARIANA ESTEVES  
**LABIRINTOS**



MANDALAS DE  
CELINA ROZENBLUM LEFELMAN



EDIÇÃO DA AUTORA

*Para minha amada  
amiga e poeta  
preferida no  
mundo, Roseana.  
Âncora, cais,  
norte.*

*M.E.*

# APRESENTAÇÃO

"O que nos resta  
senão fiar cordas  
sem fim de poesia?"

pergunta Mariana, em seu tear mágico de fiar  
poesia.

Seus poemas são encantatórios e musicais,  
onde fala, pergunta, desafia nossos desafios  
como mortais que somos.

Quase a vemos pedalar a sua roca,  
infatigável, atravessando dias e noites, o  
breu e a luz.

Celina Rozenblum desenha suas mandalas em  
cerâmica, ela diz que as mandalas chegam  
como de um sonho, em azuis e verdes. Mar e  
céu, florestas. Sabemos que as mandalas  
existem em muitas religiões e Jung se  
interessou por elas. Possuem grande força  
sobre nossa alma, nos acalmam, nos ajudam a  
meditar.

As mandalas em cerâmica da Celina se  
conectam perfeitamente com a poesia  
ondulante da Mariana.

Roseana Murray



# Sonar

Debruçar-se no fundo do mar,  
peito na areia,  
mãos em concha.

Sussurrar para as sereias  
que habitam o  
breu

para o mistério das  
raízes da planta mais  
antiga,  
enterrada em mundos  
subterrâneos

para o magma silencioso  
que habita o cerne das  
coisas...

e ouvir de volta  
no eco das algas,  
a direção,  
o rastro,  
a nascente.

# VIAJANTE

Debruçada na janela  
de meus sonhos  
avisto o futuro.

O frio na barriga  
anuncia  
desejo de universo.

No lugar do coração,  
estrela d'alva  
apontando norte.





# GUIRLANDA

E quando a estrada  
à frente é de exílio?  
O que fazer com os cacos  
despedaçados de memória  
que cortam a pele  
do tapete em que pisamos?  
E quando a trilha é feita  
de brasa  
ou areia movediça a  
nos sugar para os calabouços de  
respostas escritas do avesso?  
O que nos resta,  
senão fiar  
cordas sem fim  
de poesia,  
e ir amarrando pelos  
milênios afora,  
laços de coragem?



# BÚSSOLA

Como uma arca  
de jóias  
perdida no fundo  
do mar,  
recolher a carcaça  
dos desejos naufragados.

Dela,  
retirar cada cristal,  
um por  
um.

Jogar no fogo  
essas jóias,  
para derretê-las,  
para delas criar  
novos amuletos  
que refulgem  
na direção da luz.



# ATLAS

Arte pra alma  
voltar para o  
corpo,  
dança pra alma  
voltar para o  
corpo,  
música pra alma  
voltar para o  
corpo.  
Bate palma,  
roda a saia,  
poesia.  
Pra alma ficar contente  
e voltar.

# PROCURA-SE

Um caminho com  
alguma coisa de sombrio,  
de secreto  
de suspensa beleza.

Um caminho sem nome,  
que se sente na garganta,  
mas sussurra para dentro.

Um caminho com pegadas  
de gato,  
algo de escuta.  
Algo de pausa.

Uma estrada de  
sentido-semente  
por onde brota  
o mistério  
do mundo.



# ASTROLÁBIO

Esse furta-cor da infância,  
esse lampejo de vida  
que perdi tropeçando,  
esse vislumbre da rota,  
acordo  
todos os dias  
na floresta de pedra  
para farejar.

Às vezes,  
um sopro inesperado,  
um cheiro,  
um riso,  
um eco,  
como miolos de pão  
na terra,  
cintilam o caminho.



# ASAS

Caos, chuva de lava,  
cortes, panteras,  
cobras, sangue,  
terremotos,  
maremotos,  
furacões.

Por fim, retiro a cabeça  
da caixa que construí com cinzas,  
olho para o lado.

Uma andorinha atravessa meu  
olhar.



# CARAVANA

À minha direita, guerreiras  
ondulando leques.  
À esquerda leopardos  
arrancando tapetes.  
À minha frente orda de lobos  
farejam poeira,  
atrás legião de bruxas  
em vassouras.

Para varrer a casa.

# CORAGEM

Para negar os dragões  
que se esquivam  
em minha mente.

Para flutuar uma lupa  
sobre o rio turvo  
de bonecas rasgadas.

Para subir o último  
lance de escadas  
inalcançável,  
cravejado de gritos  
e silvos.

Para pegar meu  
medo nos ombros e,  
a cada curva,  
correr com os lobos.

Para amar.

# FAROL

Encontrar pelas  
trilhas intrincadas  
da jornada  
nossas amigas-irmãs,  
que tornam a estrada  
possível.

Encontrar essas andarilhas  
que transformam os dragões  
em aventura,  
que mastigam nossos espinhos,  
folhas secas  
e pedras,  
e abrem clareiras no escuro.

A essas lobas,  
sopro um dente-de-leão,  
sopro as sementes  
de seus desejos mais  
profundos,  
para que encontrem  
na direção da luz,  
vaga-lumes dourados.





# CARTOMANTE

Nas entrelinhas, uma  
encruzilhada me questiona.

Para encontrar a  
resposta,  
subo na torre fulminada,  
indago a rainha,  
escuto atentamente,  
o louco.

Para decifrar o enigma,  
consulto o chapéu  
do mago, uivo  
para a lua,  
inquiri até o diabo.

Para encontrar  
a chave, o sol,  
o ás de copas,  
convoco a coruja  
de quatro asas  
que mora entre meus  
olhos.

Com um sorriso no bico  
ela cintila  
um brilho  
sobre o caminho da estrela.

# OLHO DE TIGRE

Para ver por dentro das coisas,  
bater na porta com  
pluma de escuta e tempo.

Deixar na soleira da entrada,  
de oferenda,  
licor de nuvem e alcaçuz.

Para ver por dentro das coisas,  
debruçar-se com patas de gato e  
e vislumbrar os entremeios,  
as frestas,  
os sons esquecidos na janela das sombras.

Abrir o cadeado da noite  
com chave feita  
do canto de um rouxinol e  
sussurrar  
no vão dos alçapões.

Para ver por dentro das coisas.



# ROSA DOS VENTOS

Quando o mapa do tesouro  
escapa da mão  
e se perde no abismo,  
e a visão fica turva  
de poeira e  
neblina,  
é preciso escavar.

Escavar para encontrar  
nos ossos da memória, as  
lembranças-vértebras  
que nos alinham ao eixo de  
nossas terras,  
que nos mostram por  
nossas próprias raízes-pegadas,  
espalhadas pelo chão do tempo,  
as pepitas de caminho.

# TRÊS MARIAS

Catar as bolinhas de gude  
recolhidas no tempo  
para jogar na terra,  
como pedrinhas  
de luz  
apontando o caminho.  
Procurar o rastro  
dos sorrisos perdidos  
esquecidos,  
lembrar que quando  
pequena  
enxergava figuras  
nos veios da madeira  
que sustentava  
o teto de  
meus anseios.





# CALABOUÇO

Como vidro embaçado,  
ilha sem barco,  
como chuva de neblina,  
miopia,  
como deserto,  
casa trancada,  
como se esfregasse a  
lâmpada  
e o gênio não aparecesse,  
como se o sapatinho de cristal  
não escapasse do pé,  
como trança da Rapunzel, cortada,  
maçã envenenada, mordida.

Assim a vida sem sonhar.

# ARTÉRIA

Pé  
ante  
pé,  
com meias de veludo,  
carregando um incenso  
de lírios na ponta dos  
dedos,  
percorrer a corda-bamba  
da delicadeza,  
o compasso inaudível  
que leva  
ao coração do outro,  
a porta que libera o  
sangue pisado, que  
flui alma  
veia a dentro.

# CLARABOIA

A poesia é uma casa  
para despir  
o avesso do corpo.  
Para beber um cálice de delicadeza.  
Alguns cálices.  
Para reunir em volta da fogueira,  
os sonhos moídos  
no asfalto do tempo  
e lhes dar de comer.

Uma casa para cantar  
palavras-chaves de abrir o coração,  
plantar na terra pulsante do quintal,  
sementes de leões,  
ouvidos de ouvir,  
vozes de derreter o medo.

Uma casa solar e lunar,  
com ar de lar.



# CANTIL

Se a jornada alcança o  
solo da dúvida,  
e a alma seca,  
perdida  
em seus torvelinhos,  
convém verter no coração,  
bem baixinho,  
cachoeiras de carinho.

Convém ir cintilando,  
em constância de conta-gota,  
a água limpa que rega  
a flor secreta da  
coragem.

Convém enluvar  
o corpo  
em mar de amor.

Para encontrar a água  
que mata a sede de vida,  
girar a ampulheta  
da aurora  
com mãos de presente.

Para regar de oásis o olhar.



# FICHA TÉCNICA

## “LABIRINTOS”

POEMAS

Mariana Esteves

MANDALAS

Celina Rozenblum Lefelman

PROJETO GRÁFICO

Jiddu Saldanha



EDIÇÃO DA AUTORA